

PONTE DO BELVEDERE:

Um estudo da busca do indivíduo urbano por novas sensações dentro da relação entre cidade e natureza¹

Jordhana Raposo Andrade²
Isabela Castelo Branco Martins Pontes³
Giovanna de Giacommo Andrade⁴

Resumo

A presente pesquisa trata-se de um estudo sobre a relação entre a natureza e a cidade em uma ponte utilizada como base para prática de esportes radicais no município de Nova Lima, região metropolitana de Belo Horizonte. A pesquisa foi aplicada utilizando-se de bibliografias a respeito do tema, visitas *in loco* e entrevistas com os frequentadores. Essa pesquisa tem como objetivo geral compreender como se dá a relação entre a natureza e as atividades de lazer relacionadas a ela e a cidade do ponto de vista de uma sociedade urbana. De acordo com o estudo bibliográfico desenvolvido, é possível mostrar o desejo do homem urbano de fugir de seu cotidiano maçante através do encontro com a natureza e de sensações extremas provocadas por esportes de risco. Para o embasamento teórico se utilizou de diversos autores destacando-se, entre eles, algumas figuras renomadas como Simmel, Castree, Borja e Loboda. Os métodos empregados na pesquisa tiveram a combinação de serem exploratórios, observatórios, descritivos, investigativos e qualitativo. Por fim, foi constatado que a coexistência entre a urbe e a natureza não é só possível como também é requisitada pela sociedade, uma vez que essa possibilita a fuga do cotidiano e dá possibilidade à realização de experiências novas aliadas ou não a práticas esportivas.

Palavras-chave: áreas verdes urbanas, esportes radicais, natureza, cidade, Ponte do Belvedere.

Abstract

The present research is a study about the relationship between nature and the city in a bridge used as base for practice of extreme sports in the city of Nova Lima, metropolitan area of Belo Horizonte. The research was applied using bibliographies on the subject, on-site visits and interviews with the regulars. This research aims to understand how the relationship between nature and leisure activities related to it and the city from the point of view of an urban society. According to the bibliographical study developed, it is possible to show the urban man's desire to escape from his dull day-to-day life through his encounter with nature and extreme sensations provoked by risky sports. For the theoretical basis, several authors have been used, among them some famous figures such as Simmel, Castree, Borja and Loboda. The methods used in the research had the combination of being exploratory, observatory, descriptive, investigative and qualitative. Finally, it was verified that the coexistence between the city and nature is not only possible but also required by society, since this allows the escape of daily life and gives possibility to the realization of new experiences allied or not to sports practices.

Keywords: urban green areas, extreme sports, nature, city, Ponte do Belvedere.

¹ Publicado originalmente na Revista Científica Foz, com algumas modificações. ANDRADE, G., PONTES, I., & ANDRADE, J. (2018). *Ponte do Belvedere*. Revista Científica Foz, 1(2), 18.

² Graduanda em Arquitetura e Urbanismo (UFMG). E-mail: jordhanaandrade1@hotmail.com

³ Graduanda em Arquitetura e Urbanismo (UFMG). E-mail: bela.castelobranco@hotmail.com

⁴ Graduanda em Arquitetura e Urbanismo (UFMG). E-mail: giovannadegiacomo@hotmail.com

Introdução

A cidade foi pensada como um espaço artificial criado pelo homem. A maior parte dos estudos urbanos assinala que um dos efeitos mais importantes do crescimento da mancha urbana está associado à diminuição das áreas naturais (LEFF, 2006). Contudo, os espaços verdes resistem sobre a trama urbana e compreendem-se em pequenas manchas espaçadas, podendo aparecer em situações distintas, mesmo que em menor quantidade (CASTREE, 2011).

O estudo das áreas periurbanas coloca em evidência que os limites entre esses dois espaços são bem mais fluidos e ambíguos. Tal é o caso da área denominada "Ponte do Belvedere", localizada na Mata do Jambreiro, município de Nova Lima, na região metropolitana de Belo Horizonte, representada pela Figura 1. Essa área é resultado da sobreposição da expansão do uso residencial de alto padrão em uma região de preservação natural que já tinha sido usada até 2003 pela antiga companhia mineradora Vale (COSTA, 2015).



Figura 1 – Vista panorâmica da Ponte do Belvedere. Fonte: arquivo pessoal, 2016.

Partindo desse objeto de estudo, a estrutura do artigo foi organizada de modo a facilitar a compreensão das questões abordadas. Primeiramente foram feitas análises de bibliografias que complementam e auxiliam a discussão em questão, por tratarem de temas sociais, geográficos e antropológicos, como a conexão entre natureza e cidade, a construção social da natureza e a relação do indivíduo com a prática de esportes radicais nas áreas vegetadas ao redor do perímetro urbano. Em seguida, foi exibido o procedimento metodológico empregado neste estudo, que contou, principalmente, com observações e entrevistas, pautadas no uso de métodos qualitativos. Adiante, em resultados, a área de estudo foi descrita, considerando a Lei de Uso e Ocupação do Solo (2014) local, e também foi feita uma análise das referências bibliográficas aplicadas à Ponte do Belvedere, trazendo um diagnóstico mais completo do objeto de estudo. Por fim, em considerações finais, foram apresentadas conclusões em que as percepções sobre a Ponte foram evidenciadas.

O objetivo do estudo é estabelecer quais são os tipos de uso que são gerados neste contexto urbano marcado pela ambiguidade, a partir da análise da sua configuração física e da identificação das práticas sociais dos frequentadores e moradores desse trecho da região metropolitana. Baseando-se na análise espacial da área, a partir do estudo da configuração dos usos, da localização das infraestruturas e dos equipamentos, e em entrevistas semiestruturadas com 25 usuários, a intenção é mostrar como esse território tem sido integrado à vida urbana por meio da prática de esportes radicais. Esses tipos de esportes aproveitam o "entorno natural" para a realização do que Norbert Elias e Eric Dunning (1985) denominam busca pela excitação.

Visto isso, há o interesse em compreender a função e a relevância deste espaço na proposição de ser um local que possibilita ao homem citadino a fuga do cotidiano urbano e a experimentação de novas sensações através do contato com a natureza e a prática de esportes radicais.

Fundamentação teórica

Relação natureza-cidade

Roberto Luiz de Monte-Mór (1994) traz em seu discurso a naturalização extensiva como alternativa para o crescimento desenfreado e, às vezes, ameaçador das cidades atuais. Monte-Mór defende que cidades não são locais “mortos”, onde a natureza não se faz presente. Ao contrário, ele diz que a urbanização pode se tornar uma possibilidade para o surgimento de novos arranjos territoriais, novos espaços verdes. Trata-se de um modo de resistência a uma economia tão hostil para o ambiente natural, que exclui espaços e populações. Esse modelo econômico tão presente nos dias atuais passa a mostrar como o verde foi se transformando em perda de dinheiro, e o asfalto e o concreto, em ganho monetário (KLIASS & MAGNOLI, 2006). Essa percepção acaba por estagnar o surgimento de áreas verdes urbanas para priorizar a construção civil.

Em contrapartida, Loboda (2005) faz uma espécie de crítica a transformação da cidade em um espaço artificial, em que as áreas verdes são produtos da intervenção humana. Estas áreas, por terem um espaço insuficiente nos centros urbanos, tornam-se referências da defesa do meio ambiente.

Percebe-se, assim, que esses autores abordam de diferentes formas a conexão entre natureza e cidade. Esta questão, amplamente presente na sociedade atual, coloca o verde e a construção como elementos opostos e conflitantes que só conseguem coexistir de maneira limitada. Entretanto, tal percepção é insuficiente, dado a relevância concedida aos ecossistemas naturais por uma sociedade majoritariamente urbana.

Construção social da natureza

Harvey (1980) aborda a relação entre o indivíduo e o espaço por meio do conceito de imaginação geográfica, mostrando como o espaço interfere na vida do indivíduo e como o próprio se identifica com o seu espaço. Neste sentido, Anna Chiesura (2004) argumenta como a presença da natureza influencia no cotidiano das pessoas, destacando a necessidade do homem de procurar por espaços naturais dentro dos meios urbanos para relaxar, para escapar da cidade e, especialmente, para estar na natureza.

Ainda nessa linha, em *Preferences for nature in urbanized societies*, é usado o termo “restauração psicológica” para definir o desejo das pessoas pelo contato com a natureza em uma busca de obter restauração do estresse e da fadiga mental, sendo estes oriundos da vida citadina que possui muitos fatores estressantes como o ruído de carros, o trânsito, a aglomeração e o medo do crime (BERG, HARTIG e STAATS, 2007). Do mesmo modo, Loboda (2005) discute que as áreas verdes públicas são responsáveis pelo bem-estar dos indivíduos ao influenciar a saúde física e mental da população. Estas áreas melhoram a qualidade de vida ao garantirem espaços de lazer, de paisagismo e de preservação ambiental. O autor ainda diz que a natureza urbana tem a capacidade de atenuar o sentimento de opressão que as grandes edificações causam no homem.

Seguindo esse pensamento da construção social da natureza, Santos (2002) apresenta em seu texto o termo configuração territorial, que é definido pelo conjunto de sistemas naturais em um lugar e pela influência do homem nesses sistemas. Esta configuração é cada vez menos composta pelo sistema natural e cada vez mais composta pela ação do homem. No entanto, a natureza tem uma relevância nos meios urbanos não só por garantir o bem-estar de seus cidadãos, como citado no parágrafo anterior, mas também por garantir absorção de ruídos, atenuar o calor do sol, constituir-se em eficaz

filtro das partículas sólidas em suspensão no ar, contribuir para a formação e para o aprimoramento do senso estético, entre tantos outros benefícios.

Castree (2011), por sua vez, aborda a natureza e os vários espaços que ela compreende, como campos, rios, lagos, florestas, etc. O autor ainda discute a questão já apresentada da relação entre natureza e cidade, dizendo que a vinculação pessoa-meio ambiente deve ser conceituada além de dualismos como fatos *versus* valores. Já em relação à construção social da natureza, Castree a conceitua como um campo temporal aberto de relações intimamente entrelaçadas com todos os processos e todas as práticas sociais. Ele sugere que a natureza não tem geografias discretas, isto é, ela aparece em todas as situações em que pensamos que ela não aparece ou aparece em menor estado, como é o caso das cidades.

Relação do indivíduo com a prática de esportes radicais no meio urbano natural

Simmel (1902) apresenta o conceito de caráter “*blasé*”, que significa a incapacidade de reagir aos novos estímulos com energia adequada, uma vez que a maioria desses estímulos é constante. Analisando o motivo pelo qual as pessoas recorrem à prática de atividades radicais, pode-se dizer que essa busca por novos estímulos, como a adrenalina, é para fugir da indiferença do jeito “*blasé*”.

Já Tatiane Piucco (2005) aponta, em seu artigo *A sociedade capitalista e a crescente busca pelas atividades naturais de lazer*, que vivemos em um mundo capitalista, em que o lazer é sinônimo de consumo, e o tempo é encarado como moeda, sendo que as pessoas dedicam grande parte dele para exercer atividades remuneradas. Assim, o trabalhador vive alienado pelo seu trabalho, e isso prejudica a qualidade de vida do homem. Esse ritmo de vida, no qual, muitas vezes, o lazer fica em segundo plano, colabora para o desequilíbrio físico e psicológico do ser humano. Diante disso, com o objetivo de escapar do estresse e da vida agitada causados pela modernidade, as pessoas buscam alternativas de lazer que envolvem o contato com a natureza, a fim de encontrar novas sensações que quebram a rotina.

Logo, a prática de esportes no meio natural permite a suspensão das tensões sociais presentes no dia a dia, assim como, o preenchimento da inquietação humana em busca da melhoria da qualidade existencial. As experiências mais desejadas por aqueles que procuram os esportes radicais estão ligadas à descoberta de algo novo, à incerteza, ao medo do imprevisível, ao desejo de romper com o cotidiano e ir ao encontro da natureza, à vontade de poder respirar ar puro e reencontrar consigo mesmo, à busca por novas sensações e emoções fortes, ao desejo de provar limites pessoais em situações de perigo iminente, à procura pela adrenalina, à busca individual, entre outros (PINTO, 2010). Portanto, o medo e a ansiedade, assim como, o desejo de conhecer novos lugares, são os principais fatores que levam muitas pessoas a buscarem esses tipos de esportes.

Somando-se a isto, Norbert Elias e Eric Dunning (1985) abordam, em seu livro, uma discussão a respeito da busca pela excitação. Esta procura, dentro das atividades de lazer, está relacionada ao controle e à restrição da emotividade da vida ordinária. Neste sentido, a procura pela prática de esportes radicais reflete essa tentativa de controlar as emoções do dia a dia. Sendo assim, a excitação que as pessoas procuram nas suas horas de lazer representa, ao mesmo tempo, o complemento e a antítese da tendência dos hábitos perante a banalidade das emoções a que se deparam na rotina.

Espaço como local de interações e multiplicidade

Segundo Borja (1998), o espaço público é um lugar de dimensão sociocultural, ou

seja, um local de relação e de identificação, onde diferentes pessoas se encontram, interagem e podem se expressar em conjunto. Quanto mais relações sociais o espaço facilita, mais diversidade de pessoas ele abriga e mais polivalente ele é. Isso pode ser relacionado ao fato de o espaço facilitar a multifuncionalidade em que há a variedade de usos ao longo do tempo.

Nessa mesma linha de pensamento, tem-se Hertzberger (2015), que apresenta os conceitos de flexibilidade e polivalência em relação aos usos de um espaço. Para o autor, a flexibilidade diz respeito a uma forma que sirva para vários usos e que se adapte a situações de mudança. Um espaço flexível tem, então, um caráter de neutralidade, de ausência de identidade. Já o conceito de polivalência está relacionado a uma forma que tenha usos múltiplos sem precisar de sofrer mudanças. O espaço polivalente teria então a capacidade de se adaptar e, ao mesmo, tempo conservar a sua identidade.

Materiais e métodos

Visando estabelecer o melhor entendimento possível do espaço em estudo e das relações sociais desenvolvidas ali, o procedimento metodológico empregado nesta pesquisa foi baseado fundamentalmente no texto de Gehl (2013), *How to study public life*. Este texto propõe um método de observação do espaço público, em que é necessário fazer perguntas sistematicamente e dividir a variedade de atividades e de pessoas em subcategorias para conseguir um conhecimento específico sobre a interação complexa da vida e da forma no espaço público. Assim, em todas as ocasiões de visita a campo foram registradas data, hora e condições climáticas. A observação foi feita em dias e horários diferentes a fim de analisar o espaço, o público e o uso do local da forma mais abrangente possível.

Além disso, ainda baseado em Gehl, a aproximação com os frequentadores da Ponte do Belvedere se deu por meio de conversas informais, de perguntas direcionadas e de questionários realizados *in loco* e também com o auxílio das redes sociais. As entrevistas *in loco* foram feitas a partir da abordagem direta aos frequentadores presentes, enquanto as entrevistas nas redes sociais foram realizadas via chat com os usuários que postaram fotos com a *hashtag* #pontedobelvedere no Instagram, Twitter e Facebook. Assim, foram totalizadas 25 pessoas entrevistadas em grupos de faixas etárias e de interesses diversos. As perguntas incluíam aspectos como a idade, o gênero, a familiaridade com o local e com os esportes radicais, a presença de acompanhantes (e a relação com eles), dentre outros. Também foi dado destaque às questões como o envolvimento com a natureza, o modo como cada um conheceu a Ponte e há quanto tempo frequentavam o local.

Resultados

Análise espacial da Ponte do Belvedere

Descrição da área de estudo

Ao analisar a *Revisão do Plano Diretor de Nova Lima* (PREFEITURA, 2014), foi possível obter informações mais precisas sobre a região em que a Ponte do Belvedere se localiza. É importante ressaltar que ela se encontra na Área de Diretrizes Especiais (ADE) Vila da Serra, que se situa no norte do município de Nova Lima, considerada zona rural, próximo ao seu limite com Belo Horizonte. As ADES são porções do território de especial interesse para o desenvolvimento urbano e possuem destaque no

contexto metropolitano devido ao processo de conurbação BH/Nova Lima, que avança sobre o território novalimense.

A ADE Vila da Serra é dividida em loteamentos como o Vila da Serra, o Vale do Sereno, o Jardinaves, o Jardim das Mangabeiras, o Piemonte, o Jardim da Torre e as glebas ao sul da área que ainda não foram alvos de objeto de parcelamento. Nesse sentido, pode-se dizer que a Ponte se localiza, mais precisamente, no loteamento do Jardim da Torre I, que é uma Zona Especial de Revitalização Urbana, caracterizada por áreas já parceladas e inseridas no perímetro urbano, onde o Poder Público assegura a ordenação dos espaços edificáveis. O Jardim da Torre I possui atualmente uma ocupação esparsa, pontual e ainda incipiente, sendo em sua maioria residências unifamiliares, muitos lotes vazios e alguns edifícios de luxo multifamiliares. Além disso, a Ponte se situa em um local de expansão urbana prevista, pois está situada em uma região próxima à capital, de fácil acesso e que possui vantagens físicas oferecidas pelo município de Nova Lima.

A Ponte se ergue sobre uma linha férrea desativada da mineradora Vale e o fluxo de carros se restringe ao trânsito local, sendo a região predominantemente residencial. Encontram-se, nas proximidades, a escola Fundação Torino, a Mina de Águas Claras (MAC) da Vale, o Restaurante Recanto e algumas residências unifamiliares. Além disso, nota-se também a presença de trilhas no entorno da Ponte, que são usadas para esportes e lazer.

Após uma rápida verticalização na década de 1990, decorrente dos processos de descentralização e da flexibilização da legislação, o bairro Belvedere, mais especificamente o Belvedere III, tornou-se uma área de grande especulação imobiliária e continua em expansão. Tal processo interferiu diretamente na paisagem ao redor da Ponte, que hoje possui alguns condomínios de luxo de mais de 20 andares a sua volta, o que pôde ser observado nas visitas ao local.

Mesmo com o crescimento dos bairros ao redor, o entorno da Ponte preserva grande parte da vegetação e possibilita o contato direto com a natureza. A altitude e a vegetação do local contribuem com a sensação de baixa temperatura e tornam o clima mais ameno. O ambiente sonoro também é agradável e não apresenta perturbações. Em relação à mata observada na Ponte do Belvedere, ela se caracteriza pela sobreposição da Reserva Particular do Patrimônio Natural da Mata do Jambreiro e as áreas de loteamento. A Mata do Jambreiro é muito extensa e uma parte dela invade o Jardim da Torre I. Realça-se que este espaço de sobreposição é coberto por vegetação campestre e, devido às suas características e à tipicidade da vegetação, destina-se à preservação e à recuperação de ecossistemas. O Plano Diretor (PREFEITURA, 2014) ressalta que a Mata do Jambreiro é caracterizada como Zona Especial de Proteção Ambiental. Desse modo, torna-se fundamental a busca pela preservação desta mata, sendo necessária uma fiscalização maior e a elaboração e o cumprimento do Plano de Manejo adequado.



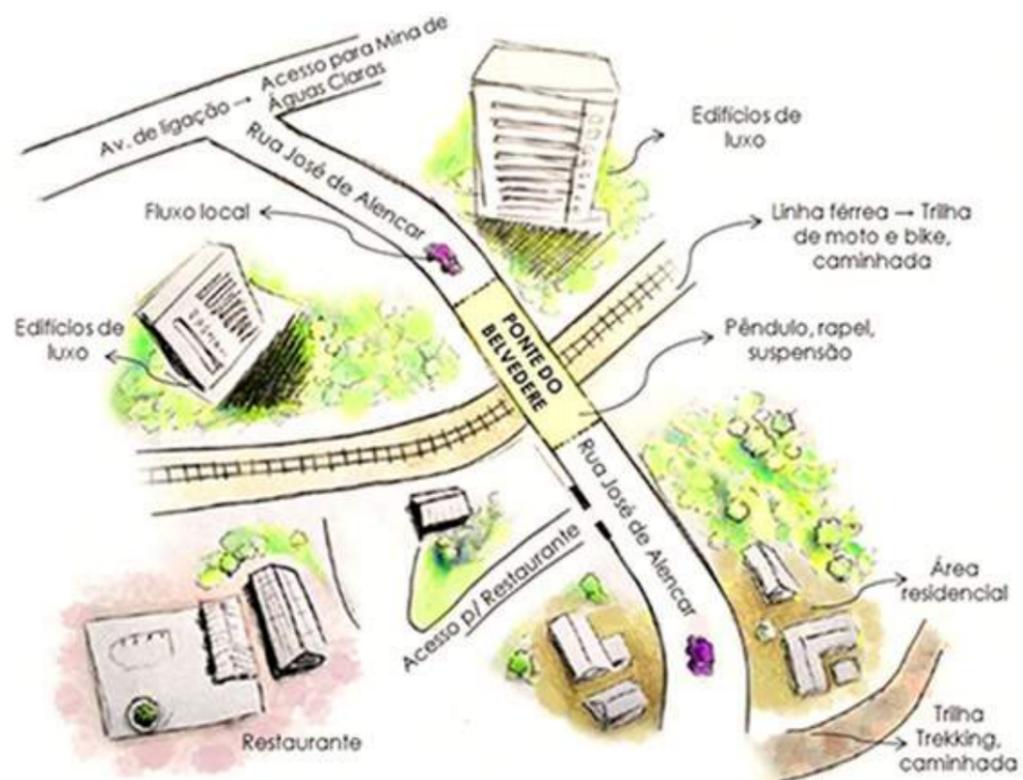
Figura 2 – Vista aérea da Ponte do Belvedere.
Fonte: Google Maps.

Figura 3 – Vista aérea ampliada região da Ponte do Belvedere.
Fonte: Google Maps.



Por meio de um croqui esquemático (figura 4), foram analisadas algumas observações feitas nas visitas. Percebe-se com mais clareza a relação da Ponte com a linha férrea e a vegetação no entorno. Além disso, fica evidente também a proximidade dos edifícios de luxo, das residências unifamiliares e do restaurante Recanto, destacado de roxo no croqui abaixo. A partir das observações, também pôde ser constatado que as vias são feitas de calçamento, com exceção do segmento da Ponte, destacado de amarelo, que é asfaltado, e elas não contam com sinalização e demarcação adequadas. Não há ciclovias, as calçadas são estreitas e irregulares e, em alguns trechos da rua, elas sequer existem. Há iluminação pública, mas a vegetação e a ausência de construções ao redor da Ponte tornam o local escuro, fazendo com que muitos dos frequentadores noturnos levem suas lanternas.

Figura 4 – Croqui Ponte do Belvedere e seu entorno.
Fonte: autoria de Bianca Monteiro e edição de Jordhana Andrade.



Natureza no entorno da Ponte

Na primeira visita à Ponte do Belvedere, a paisagem contrastante entre natureza e edificações foi o que mais se destacou. A partir disso, foram feitos estudos dessa conexão natureza-cidade a fim de se estabelecer pontos que a evidenciasse. Assim, ao analisar a Ponte, entendeu-se que, apesar do local onde ela se encontra estar inserido em um bairro composto por prédios e construções altas, o verde ainda é um fator de destaque. Isso pode ser percebido pela Figura 5, ao mostrar uma visada na Ponte que revela um espaço verde tanto natural quanto artificial, mas que se contrapõe às edificações ao fundo. Nesse sentido, é evidente a relação com Roberto Luiz de Monte-Mór (1994), quando ele discorre que a cidade, mesmo urbanizada, dispõe da presença de uma natureza exuberante, e que a urbanização pode até favorecer o surgimento de novos arranjos, como é o caso da Ponte do Belvedere. Seguindo essa mesma linha de raciocínio, percebe-se que a natureza encontrada na Ponte (Mata do Jambreiro), assim como outras reservas naturais, ocupa uma dimensão relativamente menor se comparada ao espaço destinado às construções e ao asfalto na cidade de Belo Horizonte. Esta questão pode ser endossada pelas autoras Kliass e Magnoli (2006), que expõem que a natureza vem perdendo espaço em uma sociedade que dá mais valor ao que gera mais lucro: as áreas construídas. Contudo, mesmo se fazendo presente ainda que em pequenas manchas sob a extensa trama urbana, as áreas verdes se apresentam como fator relevante para garantir a qualidade de vida do ser humano.

Nos estudos, observa-se, também, a relação dos indivíduos com a natureza situada na Ponte, que possui interferência positiva sobre as pessoas que a procuram. Desse modo, consegue-se perceber o motivo pelo qual essas pessoas procuram o espaço da Ponte do Belvedere. Com base no estudo da construção social da natureza, nota-se que a interação entre o espaço natural e as pessoas que o buscam para a prática de atividades físicas é estabelecida pela tranquilidade e serenidade que a natureza transmite. Neste sentido, o fato desse lugar possuir um contato muito próximo com ambiente natural faz com que um grupo específico de pessoas se identifique com esse espaço para realizar suas atividades. Harvey (1980) e Castree (2011) confirmam esta questão, ao dissertarem que existe uma relação entre o indivíduo e o espaço, em que um tem interferência sobre o outro e vice-versa, e ao abordar que a natureza é um campo temporal em que há relações intimamente entrelaçadas e práticas sociais diversas.

Em adição, percebe-se que a Ponte do Belvedere é muito procurada pelo fato de estar cercada por uma paisagem natural, que transmite uma sensação oposta às sensações que a cidade grande propicia. A partir do desejo de fugir da vida agitada do meio urbano, a Ponte também é muito buscada pelo fato de estar mais afastada do centro da cidade. Nesta perspectiva, essa necessidade por espaços naturais dentro dos meios urbanos pode ser evidenciada por Anna Chiesura (2004), enquanto que o desejo das pessoas pela comunicação com a natureza pode ser relatado no texto de Berg, Hartig e Staats (2007). Desta maneira, grande parte dessas pessoas que têm o instinto de sair da cidade à procura do contato com o meio ambiente, com o ar fresco, com uma bela vista e com novas experiências, tende a usufruir da natureza disposta na Ponte do Belvedere. Diante disso, os benefícios que os espaços verdes trazem para o homem, como a melhora da qualidade de vida e do bem-estar dos indivíduos, citados por Santos (2006) e Loboda (2005), fazem com que a preservação de reservas naturais como a Mata do Jambreiro torne-se imprescindível.

Figura 5 – Vista da Ponte para o bairro Belvedere.
Fonte: arquivo pessoal, 2016.



Interações e multiplicidade na Ponte

A Ponte do Belvedere reúne grupos de diferentes idades e gêneros, com interesses particulares, enquanto alguns querem praticar atividades radicais, como rapel e “pêndulo humano”, outros preferem praticar *motocross*, *mountain biking*, *trekking* e caminhada ou até mesmo apreciar a vista. Isso está relacionado ao texto de Borja (1998), no qual o autor apresenta o espaço público como um lugar propício para a ocorrência de interações, em que diferentes pessoas se relacionam. Em relação à Ponte do Belvedere, a própria construção e os trilhos de trem embaixo dela são multifuncionais. Isso ocorre porque o local não exerce função somente de passagem, já que nela ocorrem, também, atividades radicais, e porque os trilhos foram desativados, funcionando agora como trilha para motos e bicicletas.

Essa questão também pode ser relacionada com os conceitos de flexibilidade e polivalência em relação ao espaço de Hertzberger (2015). Caso o local da Ponte tivesse tido alterações em sua forma ou estrutura a partir do momento em que foi desativada, ela teria um caráter flexível. Se tivessem sido construídas escadarias, novas calçadas ou estruturas de apoio para os esportes que ocorrem no local, ela teria se adaptado a uma situação de mudança perdendo a sua identidade. Entretanto, o que pode ser percebido é, na verdade, uma característica polivalente da construção, uma vez que ela serve a vários usos sem precisar sofrer nenhuma modificação, conseguindo, assim, preservar a sua identidade.

Análise das práticas de uso na Ponte

Visando traçar o perfil dos frequentadores do sítio de pesquisa foi desenvolvida uma entrevista estruturada com perguntas relevantes e que, de fato, possibilitasse uma visão sólida dos usuários locais. As entrevistas, que integralizam um total de 25 relatos, foram executadas de duas formas: *on-line* e *in loco*. A opção pelas entrevistas *on-line* se fez em função do desenvolvimento dos estudos ter ocorrido no final de outubro, época de chuvas insistentes na região, que levaram a um baixo índice demográfico na Ponte. Somado a isso, é significativo ressaltar que não foi possível entrevistar praticantes de *Mountain Bike* e *Motocross* porque estes estavam em percurso e, também, não foi possível presenciar nenhum evento de suspensão corporal durante as visitas.

No que diz respeito ao resultado das entrevistas somado a uma análise do local, é

evidente, inicialmente, a tentativa latente dos frequentadores da Ponte de fugirem do caráter “*blasé*” (SIMMEL, 1902), visto que a procura pelo local se dá pelos esportes que trazem sensações diferentes do que se encontra no cotidiano das cidades e refletem a tentativa de controlar as emoções do dia a dia (ELIAS; DUNNING, 1985), como pode ser atestado pelas respostas mais relevantes obtidas em destaque no Infográfico I. Somando-se a isso, é perceptível, por meio da análise do Infográfico II, que a busca pela natureza também é desejada por aqueles que vão à Ponte, uma vez que esta também traz novas sensações, que quebram a rotina urbana (PIUCCO, 2005). Ainda, pode-se constatar a prevalência do público em esportes que envolvem mais riscos, como o pêndulo humano e o rapel, ilustrados nas Imagens 6 e 7, respectivamente, em comparação com os considerados mais seguros, o que corrobora que as experiências mais desejadas estão ligadas às vivências mais intensas, que trazem consigo sensações como *flow*1 e risco desejado (PINTO, 2010).



Infográfico 1 – Motivos que levam a prática de esportes radicais.
Fonte: dados da pesquisa.

Infográfico 2 – Relevância da natureza.
Fonte: dados da pesquisa.

Figura 6 – Prática de pêndulo humano na Ponte do Belvedere. Fonte: arquivo pessoal, 2016.



Figura 7 – Praticante de rapel na Ponte do Belvedere. Fonte: arquivo pessoal, 2016.



Junto a isso, é notória a presença da comercialização dos esportes, uma vez que, há uma alta porcentagem de entrevistados *in loco* que estavam organizando eventos e pelo alto índice de frequentadores abordados *on-line* que conhecem a Ponte em função do rapel, sendo que esse é o esporte mais comercializado na Ponte, com eventos frequentes que são divulgados a cada um ou dois meses nas redes sociais.

A Figura 8, que pode ser observada abaixo, expressa claramente a multiplicidade de relações sociais na Ponte (BORJA, 1998) por meio de diversas perspectivas. Isso porque esta fotografia ilustra não só a variedade do público tanto no que diz respeito ao sexo quanto à idade, assim como esclarece que o espaço propicia a prática dos esportes radicais e também possibilita as trocas sociais entre diferentes grupos. Esta troca ocorre em um ambiente que foge à lógica do cotidiano urbano, trazendo uma atividade interativa que cria uma atmosfera em que desconhecidos se sentem confortáveis para dialogar.



Ainda, pode-se ressaltar que a Ponte do Belvedere se trata de um espaço criado pela cidade e alterado pelas práticas de uso em que velhos trilhos se tornam pistas e uma ponte de baixo tráfego se torna base para práticas esportivas. Com isso, retorna-se à busca constante pela excitação (ELIAS & DUNNING, 1985), em que o ser humano dispõe da cidade para seu desejo, no caso, de fuga da passividade cotidiana, criando variados espaços análogos à Ponte, como a Lagoa dos Ingleses e a Serra da Moeda.

Considerações finais

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou um entendimento melhor da dinâmica das áreas verdes dentro das cidades, evidenciando a relação existente entre eles. Apesar da crescente urbanização provocar a diminuição dos espaços naturais, eles ainda se fazem bastante presente e são imprescindíveis dentro da cidade. A partir disso foi possível compreender a função dos espaços verdes na mancha urbana, que interferem diretamente no cotidiano dos cidadãos. Sendo assim, a natureza é um elemento essencial para garantir a qualidade de vida dos indivíduos, que buscam uma fuga frente ao meio urbano maçante e aos padrões de vida estressantes da sociedade atual. As pessoas almejam esse contato com a natureza, deslocando dos grandes centros urbanos, a fim de garantir o sossego. Nesse sentido, a Ponte do Belvedere apresenta-se como um local cheio de vida, palco de uma intrincada rede de relações, que é reinventada e reinterpretada por cada um de seus frequentadores. Quem procura a Ponte busca, de alguma forma, um tipo de lazer alternativo, no qual o contato com a natureza assume um papel fundamental. A Ponte do Belvedere, além de ser cercada pelo verde exuberante, ela ainda permite uma variedade de atividades, que a torna atrativa para diversos públicos, como os praticantes de esportes radicais. São diferentes tipos de esporte, como o rapel e tracking, que despertam emoções como a adrenalina e a excitação. O desejo maior dos indivíduos que realizam esses esportes é justamente sentir essas sensações, que se apresentam como algo novo frente ao que eles já vivem no meio urbano. É a fuga do caráter blasé que é o grande enfoque daqueles que se esforçam para a quebra da rotina.

Referências bibliográficas

- BERG, A. E. V. D.; Hartig, T.; Staats, H. Preference for Nature in Urbanized Societies: Stress, Restoration, and the Pursuit of Sustainability. *Journal of Social Issues*, [S.L], v. 63, n. 1, p. 79-96, jan./dez. 2007.
- BORJA, J. Ciudadanía y Espacio Público. *Ambiente y Desarrollo*, XVI (3), p. 13-22, 1998.
- CASTREE, N. Nature and society. In: J. A. Agnew & D. N. Livingstone (Eds.). *The SAGE Handbook of Geographical Knowledge*, p. 286-298. Los Angeles: Sage, 2011.
- CHIESURA, A. The role of urban parks for the sustainable city. *Landscape and Urban Planning*, Amsterdam, v. 68, n. 1, p. 129-138, mai. 2004.

Figura 8 – Vista panorâmica da Ponte e entorno. Fonte: arquivo pessoal, 2016.

COSTA, D. Especial para o tempo. *O Tempo*, Belo Horizonte, 27 dez. 2015. Disponível em: <<http://www.otempo.com.br/cidades/belvedere-pode-ganhar-trem-para-percorrer-o-roteiro-da-cerveja-1.1200685>>. Acesso em: 11 nov. 2017.

ELIAS, N.; Dunning, E. *A busca pela excitação*. 1 ed. Portugal: Difel, 1985. p.39-139.

GEHL J.,Svarre B. *How to study public life*. Washington: Island Press, 2013. p. 12-36.

HARVEY, D. *A Justiça Social e a Cidade*. Tradução: Armando Corrêa da Silva, São Paulo: Hucitec, 1980. p. 13-37.

HERTZBERGER, H. *Lições de Arquitetura*. Tradução: Carlos Eduardo Lima Machado, São Paulo: Martins Fontes, 2015. p. 146-149

KLIASS, R. G.; MAGNOLI, Miranda Martinelli. Áreas verdes de recreação. *Paisagem e Ambiente*, São Paulo, n. 21, p. 245-256, jan./dez. 2006. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/paam/article/view/40254/43120>>. Acesso em: 16 ago. 2016.

LEFF, E. *Racionalidade Ambiental: A Reapropriação Social da Natureza*. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 2006 (2ª edição, 2014).

LOBODA, C. Áreas verdes públicas urbanas: conceitos, usos e funções. *Ambiência - Revista do Centro de Ciências Agrárias e Ambientais*. Guarapuava, PR. v. 1,n. 1,jan./jun. 2005.

MONTE-MÓR, R. L. Urbanização extensiva e lógicas de povoamento: um olhar ambiental. In: SANTOS, M.; SOUZA, M. A. A. D.; SILVEIRA, M. L. (Eds.). *Território, globalização e fragmentação*. São Paulo: Hucitec-Anpur, 1994, p. 169-181.

PINTO, A. C. G. A. *Esportes de risco: perspectivas da psicologia do esporte na concepção do prazer*. Unesp, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2010. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/120590>>. Acesso em: 16 ago. 2016.

PIUCCO, T. A sociedade capitalista e a crescente busca pelas atividades naturais de lazer. *EFDeportes*, Buenos Aires, v. 10, n. 89, p. -, out./2005. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd89/ativ.htm>>. Acesso em: 12 jul. 2016.

PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVA LIMA. *Revisão do Plano Diretor de Nova Lima*. Nova Lima: Fundação Israel Pinheiro, 2014. 76p.

SANTOS, M. *A natureza do espaço: Técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Editora da USP, 2006. p. 38-57.

SIMMEL, G. *As grandes cidades e a vida do espírito*. Mana: Rio de Janeiro, 1902. v.11, n.2.